

Capítulo 1

ELIZA

1914

Foi uma festa de primavera como qualquer outra realizada em Southampton, com os seus jogos habituais. Cróquete. Badminton. Uma certa crueldade social. Teve lugar na casa da Mãe, em Gin Lane, uma casa ampla de madeira, pintada de branco e rodeada por um relvado verde-amarelado, que descia até ao oceano. A casa de campo estilo Queen Anne, mais conhecida pelos familiares do Pai como Mitchell Cottage, estava alinhada com outras semelhantes ao longo da península, na região despida de árvores de South Fork de Long Island, Nova Iorque, como passageiros no convés de um navio, de frente para o mar.

Se nesse dia tivesse prestado mais atenção, talvez pudesse ter previsto quais dos rapazes que se riam junto aos pequenos arcos do jogo de cróquete iriam em breve morrer nas florestas de Argonne ou que mulheres trocariam os seus vestidos de seda cor de marfim por crepe preto. Não apontaria certamente para mim própria.

Era o final de maio e junto ao oceano estava um frio inesperado para qualquer tipo de festa, mas a Mãe insistira numa despedida com estilo para os nossos amigos russos, os Streshnayvas. Eu estava na sala de estar ampla e fria, nas traseiras da casa. Tal como na casa do leme num navio a vapor, a sua janela panorâmica, com os vidros embaciados pelo sal do mar,

proporcionava a vista perfeita para o jardim. A imagem dos convidados a descerem pelo relvado em direção às dunas surgia um pouco enevoada.

Senti dois braços a envolver-me a cintura e virei-me para ver a minha filha de onze anos, Caroline, que já quase me chegava aos ombros, com o seu cabelo da cor do feno no verão apanhado atrás, com um laço branco. Ao seu lado estava a amiga Betty Stockwell, que era precisamente o seu oposto, com menos doze centímetros e já a florescer numa beleza de cabelo escuro. Apesar de terem vestidos brancos a condizer, eram tão diferentes como a água e o vinho.

Caroline apertou os braços com mais força em volta da minha cintura.

– Vamos dar um passeio até à praia. E o Pai disse que lamenta ter-se vestido sem a sua ajuda esta manhã e pede que não o prive do seu *Dubonnet*.

Afaguei-lhe as costas.

– Diz ao teu pai daltónico que os homens que insistem em colocar meias amarelas nos seus armários não podem ser perdoados.

– É a minha mãe favorita. – Caroline sorriu-me.

Correu ao longo do relvado, descendo em direção à praia, passando por homens que seguravam os seus chapéus de palha, enquanto as suas calças de flanela branca se agitavam com a brisa. Senhoras de sapatos de lona e fatos de linho creme sobre delicadas blusas voltavam os rostos para o sol – regressadas de lugares como Palm Beach –, felizes por voltarem a sentir de novo as brisas do norte. As amigas sufragistas da Mãe, a maioria das quais vestidas com tafetá preto e seda, traziam um contraste escuro ao relvado pálido, como corvos a pavonear-se por entre linho dourado.

A Mãe chegou junto de mim e deu-me o braço.

– Está um pouco frio para um passeio na praia.

Caroline Carson Woolsey Mitchell, geralmente chamada «Carry» pelas irmãs, a minha mãe de setenta anos, era tão alta como eu, um pouco mais de um metro e oitenta, e era uma nativa dedicada da Nova Inglaterra, proveniente de uma antiga geração de ianques, que tinha suportado tantos desgostos como furacões.

– Eles ficam bem, Mãe.

Semicerrei os olhos e vi o meu Henry, Caroline e Betty a descerem para a praia, a parte de baixo do vestido branco de Caroline insuflada pelo vento, como se estivesse a preparar-se para voar em direção ao céu.

– Até descalçaram os sapatos? – perguntou a Mãe. – Espero que não se demorem.

O vento agitava pequenas ondas no oceano, enquanto os três caminhavam de cabeça baixa.

A Mãe envolveu-me com os seus braços quentes.

– Mas do que falam a Caroline e o Henry?

– De tudo. Perdem-se no seu próprio mundo.

A brisa arrancou o chapéu de palha de Henry, deixando o seu cabelo ruivo a brilhar ao sol, e Caroline saiu a correr para apanhá-lo na zona de rebentação.

– Que sorte que ela tem, por ter um pai que a adora – comentou a Mãe.

Tinha toda a razão, como sempre. Mas Caroline não iria voltar a acordar com tosse, a meio da noite, por causa do ar fresco do mar?

Henry acenou da praia, como um náufrago abandonado numa ilha deserta. Acenei-lhe de volta.

– Henry vai-se queimar, com aquela pele tão clara.

A Mãe acenou-lhe também.

– Os irlandeses são tão frágeis.

– Meio-irlandês, Mãe.

– Irão ter saudades tuas – deu-me uma pancadinha na mão.

– Não vou estar fora muito tempo. – Sofya e a sua família tinham vindo de São Petersburgo para uma visita de um mês e eu iria viajar com eles de regresso a essa cidade no dia seguinte.

– Fico preocupada. A Rússia é tão longe. E Saratoga* é tão bonita nesta altura do ano.

– Esta pode ser a minha única oportunidade de conhecer a Rússia. As igrejas. O *ballet*...

– Os camponeses esfomeados.

– Fale mais baixo, Mãe.

– Acabaram com a servidão, mas os pobres continuam a ser escravizados.

– Vou enlouquecer se ficar presa aqui. Caroline vai ficar bem com Henry.

* Saratoga é uma cidade no Condado de Saratoga, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. (*N. da T.*)

– Pelo menos não há guerra. Por agora.

Aqueles que liam atentamente os jornais sabiam que os jornalistas previam conflitos com a Alemanha, mas o mundo já estivera tantas vezes na iminência de uma guerra que muitos dos nova-iorquinos encaravam o assunto com alguma ligeireza.

– Não se preocupe, Mãe.

Ela afastou-se rapidamente e eu saí para o terraço, com o vento salgado a agitar o meu cabelo, embrenhando-me por entre conversas educadas, o bater das ondas e as ocasionais tacadas durante o jogo de cróquete. Abri caminho por entre a multidão, espremendo-me pelo meio de sedas suaves e caxemiras, à procura da minha amiga Sofya.

Os amigos do Pai e da Mãe dividiam-se em dois grupos distintos. Muito embora o Pai já tivesse falecido há alguns anos, a Mãe continuava a incluir os amigos dele em qualquer reunião ou convívio. Ele fora líder do Partido Republicano em Nova Iorque e os seus amigos refletiam isso mesmo: colegas advogados e respetivas mulheres, financeiros e os ocasionais magnatas que tinham subido a pulso.

Os amigos da Mãe eram, sem dúvida alguma, mais animados: atores e pintores, sufragistas de todos os géneros e diversos membros do panorama internacional vindos de locais distantes, relativamente a quem os amigos do Pai mexericavam: Nairóbi. Banguecoque. Massachusetts.

Para encontrar o contingente russo, bastou-me procurar o lugar de onde vinham as vozes mais altas, já que eles constituíam um grupo refrescantemente barulhento, propenso a discussões acaloradas numa mistura de francês, inglês e a língua nativa, a qualquer momento do dia. Passei pelo médico dos Streshnayvas, o Dr. Vladimir Leonidovich Abushkin, um homem atarracado e careca, que vestia um casaco de lince sobre o seu fato matinal, numa discussão acesa com o médico da Mãe, o Dr. Forbes.

– Não me interessa o que fazem em São Petersburgo – dizia o Dr. Forbes, de rosto macilento e bochechas descaídas pelos muitos anos de visitas noturnas a leitos de morte e a partos.

– Para ter uma criança saudável, Sofya não deve viajar. Precisa de cálcio e de descanso, deitada na cama.

O Dr. Abushkin atirou a cabeça para trás.

– *Ah!* Cálcio. Faltam dois meses para o nascimento. Está sã como um pero.

– Mas corre grandes riscos. Dois abortos espontâneos. Viagens longas são arriscadas.

Encontrei os russos reunidos na extremidade mais distante do terraço das traseiras, junto dos meus amigos atores: o grisalho E. H. Sothern, ajoelhado, e a sua mulher, Julia Marlowe. Esta dirigia-se a todos da janela do meu quarto, no andar de cima, enquanto os dois representavam a cena da varanda de *Romeu e Julieta*, uma das suas mais famosas.

– «Sendo quase manhã, quero que partas...» – bradou, com um braço esticado na direção da multidão e com a colcha da minha cama em volta dos ombros.

Com expressões sérias, os russos ouviam a breve representação, enquanto os restantes convidados deambulavam por ali, indiferentes aos maiores atores shakespearianos norte-americanos daquela época, os quais tinham visto atuar inúmeras vezes. Alguém poderia questionar-se por que motivo Julia, de quarenta e oito anos, e E. H., de cinquenta e quatro, representavam os papéis do famoso casal de adolescentes, mas se os visse em palco, não teria quaisquer dúvidas em relação ao seu talento.

Julia terminou a cena recebendo aplausos entusiasmados e hurras russos por parte dos Streshnayvas. Era um grupo alegre, aquele que se encontrava no terraço. Ivan, o patriarca, primo do czar Nicolau II, estava de pé e contemplava as ondas que se abatiam na praia, com as mangas da camisa a flutuar ao vento. Gentil, elegante e com um certo gosto europeu, conhecera Henry anos atrás, quando o meu marido era um jovem comprador de peles da Poor Brothers Dry Goods e Ivan representava o Conselho de Comércio Russo.

A segunda mulher de Ivan, a condessa, estava ao lado da inquestionavelmente grávida Sofya e do seu marido soldado, Afon, e descrevia pormenorizadamente como enviava a sua roupa pessoal da Rússia para Paris, para ser lavada.

A maioria dos convidados era suficientemente bem-educada para não ficar a olhá-la boquiaberta, mas aquela beleza russa era, apesar de já não ser nova, um espetáculo digno de se ver, vestida de alta-costura francesa do ano anterior e enfeitada com uma estola de zibelina, colares de pérolas e diamantes grandes como nunca se tinha visto antes da hora de jantar em Southampton.

Reparei em Sofya, que sorriu e ergueu uma sobrancelha. A gravidez combinava bem com ela. Deixava-a com uma figura respeitável, diferente da minha antes de dar à luz Caroline e parecer que carregava um pónei Shetland na barriga.

A condessa ignorou a discussão crescente entre os dois médicos e puxou uma criada para o lado.

– Pode trazer-me uma água com soda, e sem se esquecer do gelo?

A criada apressou-se a ir satisfazer o seu pedido e a condessa pousou uma mão no ombro de Sofya.

– Tem de se sentar. Pense nessa criança-milagre e no tempo que esperou, querida. E pare de comer, ou Afon nunca mais lhe vai tocar depois de o bebé nascer.

Sofya sacudiu o braço da condessa.

– Por favor, Agnessa, já pediu duas águas com soda e nem sequer lhes tocou.

– Os americanos têm cubos de gelo de sobra, querida.

Eu estava encantada por partir para a Rússia no dia seguinte, a viagem de uma vida. Não só iria ver o bebé de Sofya nascer como também iria, finalmente, passear por São Petersburgo – a maravilhosa Igreja do Salvador sobre o Sangue Derramado, com o seu interior totalmente coberto de magníficos mosaicos, e os Rembrandts no Palácio de Inverno do czar. Mas o melhor de tudo era o facto de eu poder falar todos os dias com a minha querida amiga.

Puxei Sofya por um braço e levei-a até à sala de jantar, uma sala suficientemente grande para acolher uma enorme mesa de mogno, coberta com travessas de *hors-d'oeuvre* e sobremesas, e um sofá em damasco rosa.

– Obrigada por me tirares dali. Agnessa está aterrada com a possibilidade de o bebé nascer a qualquer momento.

– Bem, apesar de tudo, é o herdeiro. Sabes como são as mães.

– As madrastas. E Afon está uma desgraça... ele próprio parece uma criança, à medida que o parto se aproxima.

– Estou satisfeita por partirmos amanhã, querida. Em casa irão preocupar-se menos.

Inclinou-se sobre a mesa e pegou numa das bolachas da Mãe.

– Como se chamam estas bolachas?